

## HELENA\*

G. Seféris\*\*

Teucro – ... para a cidade marítima, em Chipre, onde Apolo me ordenou  
habitar e dei-lhe o nome de Salamina  
por causa de minha pátria... (148-150)

Helena – Não fui a Tróia; era meu espectro... (582)

Mensageiro – Que dizes?  
Por uma nuvem, então, inutilmente combatíamos? (706-7)  
Eurípides, *Helena*

“Os rouxinóis não te deixam dormir em Platres”.

Tímido rouxinol, em meio à respiração das folhas,  
tu que concedes a frescura melodiosa da floresta  
aos corpos separados e às almas  
daqueles que sabem que não voltarão.  
Cega voz, que tateias na noite da memória  
passos e gestos; não ousaria dizer beijos;  
e o amargo tumulto da escrava exasperada.

“Os rouxinóis não te deixam dormir em Platres”.

Que é Platres? Quem conhece essa ilha?  
Vivi a minha vida ouvindo nomes inauditos:  
novos lugares, novas loucuras dos homens  
ou dos deuses;

meu destino, que flutua  
entre a espada última de um Ajax  
e uma outra Salamina,  
trouxe-me aqui, a este litoral.

A lua  
emergiu do mar como Afrodite;  
encobriu as estrelas do Arqueiro e vai agora encontrar  
o coração do Escorpião; a tudo ela transforma.  
Onde está a verdade?  
Era também eu arqueiro na guerra;  
meu destino, o de um homem que errou o alvo.  
Rouxinol aedo,  
assim como nessa noite no areal de Proteu  
te ouviram as escravas de Esparta e entoaram o treno,  
e entre elas – quem o diria? – Helena!

(\*)Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

(\*\*)Nasceu em Esmirna, cidade grega da Ásia Menor, em 1900. Prêmio Nobel de Literatura em 1963. Faleceu em 1971, em Atenas.

Aquela que durante anos procurávamos no Escamandro.  
Lá estava ela, na orla do deserto; toquei-a, falou-me:  
“Não é verdade, não é verdade” gritava.  
“Não entrei no navio de proa azul.  
Jamais pisei a valorosa Tróia”.

Com os seios fartos, o sol nos cabelos, e aquele seu porte  
sombros e sorrisos por toda parte  
nos ombros nas coxas nos joelhos;  
pele viçosa, e os olhos com as grandes pálpebras,  
lá estava ela, na margem de um Delta.

E em Tróia?

Nada em Tróia – um espectro.  
Assim o quiseram os deuses.  
E Páris deitava-se com uma sombra como se fosse uma criatura verdadeira;  
e, por Helena, nós fomos trucidados dez anos.

Grande sofrimento se abatera sobre a Grécia.  
Tantos corpos lançados  
às fauces do mar, às fauces da terra;  
tantas almas  
entregues às mãos como trigo.  
E os rios enchiam-se do sangue, em meio à lama,  
pela flutuação de um tecido de linho por uma nuvem  
pela agitação de uma borboleta pela pluma de um cisne  
por uma camisa vazia, por uma Helena.  
E meu irmão?

Rouxinol rouxinol rouxinol,  
que é deus? que é não deus? e entre um e outro?

“Os rouxinóis não te deixam dormir em Platres”.

Lastimoso pássaro,  
em Chipre beijada pelo mar  
que me destinaram para fazer-me lembrar a pátria,  
ancorei sozinho com essa lenda,  
se é verdade que isso é lenda,  
se é verdade que os homens não experimentarão  
o antigo engano dos deuses;

se é verdade  
que um outro Teucro, anos depois,  
ou algum Ájax ou Príamo ou Hécuba  
ou algum desconhecido, um anônimo que no entanto  
tenha visto um Escamandro a transbordar de corpos,  
não está destinado a ouvir  
mensageiros, que vêm dizer  
que tanto sofrimento tanta vida  
foram para o abismo  
por uma túnica vazia por uma Helena.